

**De "Por *Senhor*, que ainda há respeito"
a "Por *Tu*, como havia de ser?"
Um estudo de variação em tempo aparente**

FERNANDA DANTAS-FERREIRA
(IGE/DRN)

1. Consiste este estudo em uma investigação empírica sobre o sistema de formas de tratamento dentro do grupo familiar, com o objectivo de analisar, por um lado, de que modo dentro dele se articulam diferentes áreas de regularidade/irregularidade e simetria/assimetria e, por outro lado, verificar se nele se tem vindo a produzir qualquer alteração diacrónica e se sim, qual a origem e sentido dessa mudança.

Vários são os estudos que versam o complexo sistema das formas de tratamento em português – nomeadamente os trabalhos de Sandi Michele Oliveira – e que permitem construir modelos que explicam como – quando nos dirigimos aos outros (os tratamos) e eles a nós se dirigem (nos tratam), – se organizam as opções entre as utilizações da forma linguística TU e as utilizações de todas as outras formas que não aquela. Para essas formas à denominação V preferimos a designação genérica de NTU (Não-Tu) já que a opção por essa forma repercute ainda nas fórmulas de interpelação (como 'você' expresso ou elidido, nome próprio ou apelido, profissão ou título) e, no nosso caso, compreende múltiplas interpelações específicas e nem sempre comutáveis como será – e exemplificando apenas e por todos com as interpelações para 'mãe' – 'mãe', 'minha mãe', 'mamã', 'mãezinha', 'senhora mãe'.

Todos eles coincidem em ligar essa diversidade e complexidade ao tipo de relação que existe entre os interlocutores e que acabam por se cindir em – predominantemente – relações de poder ou de solidariedade tal como estas são entendidas no trabalho pioneiro de Brown e Gilman.

2. Este nosso estudo tem, por um lado, um objectivo restrito visto pretender analisar o sistema de formas de tratamento apenas dentro do grupo familiar

ainda que na dupla acepção de familiar, isto é, pretende analisar como *na* família mas também dentro de *uma* família – considerada como veremos o ponto de intersecção de três famílias nucleares – estão distribuídas as áreas de utilização das formas TU / NTU e quais os seus domínios de regularidade e reciprocidade na dualidade da interacção verbal – como trata e é tratado. Mas, por outro lado, este nosso estudo procura ainda a possível emergência de subsistemas – também eles regulares e previsíveis – pela integração de cada um dos sujeitos linguísticos estudados em redes de diferenciação ancoradas fundamentalmente em três zonas de variabilidade, a saber, grupo etário, grupo sócio cultural e meio.

Partindo-se, pois, da hipótese da complexidade e da heterogeneidade do sistema, a recolha de dados foi feita com o cuidado de integrar as variáveis retidas como pertinentes e também o de introduzir desde logo no *corpus* a recolha de juízos explicativos sobre o uso admitindo-se – embora sem qualquer ilusão sobre os vieses introduzidos pelo próprio acto de recolha – que ao constructo teórico explicativo proposto pelo investigador subjazem as avaliações subjectivas avançadas pelo sujeito.

Deste modo este trabalho visa também uma reflexão teórica sobre os métodos em sociolinguística sendo nosso objectivo o testar experimental de possibilidades de integração de técnicas de observação e técnicas de inquérito tentando ultrapassar as tradicionais querelas – quanto a nós pouco produtivas – entre os defensores da quantificação e os partidários da qualificação.

3. O *corpus* aqui analisado é parte de um conjunto constituído por cerca de 3.000 entrevistas dirigidas, cobrindo toda a área a norte do Douro e respondendo os inquiridos, como dissemos, a especificações de variáveis sociológicas como grupo etário, grupo socio-cultural e meio, abrangendo as respostas, por variação em tempo aparente, isto é, pela distribuição da população actual em camadas sucessivas de idade, todo este século.

Respondiam os entrevistados a perguntas de uma grande simplicidade: – “como trata X”; “como é por ele tratado”, sendo X os pais, os irmãos e os avós para os entrevistados solteiros; para os entrevistados casados – e para além destas mesmas questões – X é também o cônjuge, os filhos e os netos e ainda como o cônjuge trata os respectivos pais e avós. Deste modo teremos em simultâneo não só o padrão da família nuclear mais avós e netos como também a possibilidade de isolar nesse conjunto para uma análise diferenciada e ou comparada duas outras famílias nucleares eventualmente portadoras de normas linguísticas descoincidentes que confluem em um outro espaço temporalmente mais recente com a consequente emergência de uma nova norma linguística negociada.

O interesse desta nossa *démarche* metodológica, como facilmente se entende, consiste em – para além de as entrevistas assim concebidas permitirem, de forma económica, carrear para análise muitas mais informações do que as respeitantes apenas ao inquirido – pela introdução da pergunta “como trata (tratava) pais e avós”; “como é (era) tratado pelos pais e avós” em entrevistados cujas idades se escalonam entre os 86 e os 15 anos, estando também previsto

para entrevistados já casados mas ainda sem filhos a pergunta “como quer que os seus filhos o tratem”, encontramos diferenças geracionais que ultrapassam os 100 anos (abrangendo idades virtuais de 110 anos a -10 anos) convocando deste modo para um mesmo tempo vários tempos., ou seja, permitindo, como dissemos, um estudo de variação em tempo aparente.

Mas pelas outras variáveis convocamos ainda um espaço geográfico configurado pela oposição entre a pertença a um meio urbano ou a um meio rural e um espaço social configurado pela pertença a um determinado grupo socio-económico.

4. Os resultados obtidos permitem, quando considerados globalmente, desenharem grandes áreas que organizam a opção entre as formas linguísticas TU/NTU segundo padrões de regularidade/irregularidade e simetria/assimetria. Falamos de áreas de regularidade sempre que a forma linguística utilizada não varia apesar de existirem diferenças no grupo etário, no grupo sócio económico e no meio a que pertencem os inquiridos. É o caso da forma de tratamento TU entre cônjuges, entre irmãos, de pais para filhos ou de avós para netos.

Mas não basta tomar em linha de conta a dimensão da regularidade porque se, de facto, a utilização de TU é regra entre cônjuges e entre irmãos mas também de pais para filhos e de avós para netos acresce que enquanto em relação aos primeiros essa área de regularidade ainda é simultaneamente simétrica, isto é, trata e é tratado utilizando a forma TU, nos dois últimos casos essa simetria pode não existir, dado que consideramos relações simétricas aquelas em que a mesma forma de tratamento é usada nos dois sentidos, isto é, com reciprocidade.

Portanto, sendo estas duas dimensões – regularidade e simetria – as que organizam o sistema das formas linguísticas de tratamento em grupo familiar encontramos várias (não todas) combinatórias: **áreas regulares e simétricas** (TU entre cônjuges, entre irmãos); **áreas regulares e assimétricas** (TU de avós para netos; NTU de netos para avós) e **áreas irregulares** (TU ou NTU de filhos para pais) sendo que, necessariamente, a irregularidade recobre tanto a simetria como a assimetria. Será, portanto, necessário interrogarmo-nos sobre quais as condições /relações que comandam a escolha – as escolhas – dos falantes e ainda se existe entre estas duas dimensões uma qualquer hierarquização.

Deter-nos-emos, a partir de agora, no grupo ‘filhos-pais’ por ser aí que encontramos resultados mais diversificados: retendo, agora, em análise apenas a variável ‘grupo etário’ recortam-se desde logo dois subgrupos temporalmente descoincidentes e com tendência preferencial ou para o tratamento simétrico (TU-TU) ou para o tratamento assimétrico (TU-NTU). De facto, se depois de analisados na globalidade os dados do *corpus* dele extrairmos o subconjunto ‘filhos-pais’ verificamos que quanto maior é a idade do entrevistado maior a sua apetência para NTU e correlativamente quanto menor a idade do entrevistado maior a sua apetência para TU, isto é, existe um avanço quantitativo de TU, ou seja, e em outros termos, podemos dizer que a relação intra-

familiar se desloca de um padrão preferentemente de assimetria para um padrão de simetria.

Mas se a distribuição relativa das formas TU-NTU 'filhos-pais' permite concluir por um avanço global de TU nos entrevistados mais novos verifica-se também que dentro deste subgrupo (os mais novos que para os pais utilizam a forma linguística TU) são aqueles entrevistados que vivem na cidade e que pertencem a um grupo sócio económico mais alto que constituem o conjunto em que a forma TU avança mais: é portanto, no grupo de sujeitos que simultaneamente pertencem ao grupo etário mais baixo, ao grupo sócio económico mais alto e que vivem na cidade que as formas linguísticas utilizadas como formas de tratamento quer entre pais e filhos como entre filhos pais configuram um padrão regular e simétrico: TU/TU.

Parece, pois, – a partir de uma primeira análise macro e quantitativa – ser lícito concluir que:

1. as formas linguísticas utilizadas como formas de tratamento na área 'filhos-pais' configuram uma área irregular ora assimétrica ora simétrica, isto é, ora de utilização da forma TU ora da forma NTU,

2. globalmente a forma NTU é quantitativamente maioritária;

3. comparando o uso das formas TU/NTU com variáveis sociolinguísticas como 'grupo etário', 'grupo socio-económico' e 'meio' verificamos que os resultados divergem significativamente .

4. o subgrupo que, percentualmente, mais utiliza a forma TU é aquele que simultaneamente engloba os sujeitos que são mais novos (abaixo de 30 anos), pertencem a um grupo socio-económico-cultural mais elevado (frequentaram ou concluíram estudos superiores) e nasceram e habitam em meio urbano;

5. os meros dados quantitativos não são suficientes para se poder afirmar que se está perante uma mudança em curso com origem no grupo dos falantes mais novos pois o facto de esses falantes serem simultaneamente os mais cultos das zonas urbanas poderá significar apenas que estes últimos falantes têm práticas linguísticas diferenciadas mas não necessariamente funcionando como modelo das práticas dos restantes grupos sociais e etários.

Entendemos, portanto, que necessitamos conhecer quais as atitudes que subjazem à utilização destas formas linguísticas isto é, qual a avaliação subjectiva que das práticas é feita e que funciona como suporte das atitudes de valoração positiva/aceitação ou de valoração negativa/rejeição dessas práticas para podermos dizer que existe (ou não) mudança em curso entendida como o evoluir de uma prática específica de falantes que integram um determinado grupo de pertença para uma prática de referência dos restantes falantes.

Se assim é, como cremos, e tendo como pano de fundo esta análise quantitativa entendemos metodologicamente imperioso ir analisar uma comunidade linguística que pela sua dimensão, localização geográfica, pouca variabilidade socio-económico-cultural e com densas redes de relação social não só permita uma análise qualitativa como também possa servir de contraponto ao grupo de predomínio quantitativo da forma linguística TU.

5. Centremo-nos, então, sobre os resultados de um estudo predominantemente qualitativo, obtidos em uma aldeia do concelho de Bragança, com cerca de 800 habitantes e onde foram 94 os entrevistados.

Retendo apenas a resposta à pergunta "Como trata os seus pais?", 96% dos entrevistados diz utilizar a forma NTU, sabendo que os 4% que usa a forma TU se encontra na faixa etária abaixo dos 30 anos. Considerando a distribuição por grupo sócio-económico – tendo sido apenas considerados dois grupos dada a razoável homogeneidade da comunidade em estudo – a percentagem de NTU é para um de 97% e para o outro de 96%.

Estes resultados mostram-nos apenas que:

- existe uma grande percentagem de entrevistados que utilizam no tratamento "filhos-pais" as formas de tratamento NTU;
- que a forma NTU está igualmente distribuída pelos falantes independentemente do grupo socio-económico a que pertencem;
- que uma percentagem residual de 4% dos entrevistados – e que são os mais novos – utiliza a forma TU.

Para concluir pela existência de uma mudança linguística em curso não bastará a análise da variável grupo etário mas poderá ser possível essa conclusão se a completarmos com a análise qualitativa de atitudes e avaliações subjectivas dos sujeitos sobre o uso, sobre os usos.

Vejamos como na relação 'filhos-pais' a avaliação subjectiva é feita pelos inquiridos que integram a faixa etária de até aos 30 anos

Uma entrevistada com 17 anos diz "Quando tiver filhos não gostava que me tratassem por *Tu* porque eu também trato os meus pais por *Você*", ou ainda uma outra entrevistada e também da mesma idade que comenta "Se tiver filhos quero que me tratem por *Senhora*, porque senão não se diferenciam os pais dos filhos".

Um entrevistado de 27 anos diz "Os meus filhos não me tratam por *Tu*, porque é preciso haver respeitinho" e comenta, quando responde à pergunta "Trata os seus pais por *Tu*?", "Bô, nem pensar". Já uma inquirida do sexo feminino com 26 anos explica "Quero que os meus filhos me tratem por *Tu*, não gosto de *Você*. Por *Tu* aproxima mais pais e filhos. Há maior intimidade".

Também um entrevistado de 28 anos responde à pergunta "Gosta que os seus filhos os tratem por *Tu*?" do seguinte modo: "Gosto tanto agora enquanto pequenos (5 e 2 anos) como mais tarde quando crescidos. Acho que os miúdos se sentem mais à vontade e isso do *Você* já lá vai".

Um inquirido de 25 anos diz "Eu acho que o tratamento por *Tu* dá mais convivência às crianças, mais à-vontade, mas os meus vão-me tratar por *Senhor*, que foi esta a criação que me deram".

Ultrapassando as evidências imediatas, podemos dizer que enquanto o uso da forma NTU acompanha atitudes positivamente valoradas como o continuar da tradição, a maior educação, o mostrar de deferência, (o 'respeito' e mesmo o 'respeitando', o que cai na doxa 'o respeitinho é muito lindo'), a forma NTU é valorada como maior proximidade, maior intimidade, mais à-vontade, ou seja são valoradas positivamente, respectivamente, atitudes que em termos de Brown e

Gilman configuram o predomínio ora de relações de poder ora de relações de solidariedade.

Passando agora ao grupo que engloba os falantes de 30 a 60 anos encontramos o seguinte diálogo com uma inquirida de 58 anos: “Como é que os seus netos (são 8) a tratam?” “Por *Tu*”. “Gosta que os seus netos a tratem por *Tu*?”, “Não gosto muito, apesar de não me importar. Mas gostava mais que me tratassem por *Senhor*”. “E porquê?” “Porque é mais um respeito”. Ou outro inquirido de 58 anos, que diz: “Os meus netos tratam-me por *Tu* e eu não levo a mal. Mas preferia que me tratassem por *Você*”. Ou ainda uma mulher com 55 anos, que responde a “Gosta que os seus netos a tratem por *Tu*?”, “Nem por isso”. “Porquê?”, “Porque não guardam tanto respeito”, atitude de desacordo mas permissiva que por contraste se pode aproximar quer desta resposta à mesma pergunta “Coitados deles. Há que guardar respeitinho” (mulher de 58 anos), como de “Não, nem eu permitia nem os pais deles” (mulher de 55 anos), quer, e em sentido oposto, destas outras duas avaliações: “Gosto que os meus netos me tratem por *Tu* tanto agora enquanto novos (4 e 7 anos) como de maiores” ou ainda (mulher de 59 anos) “Era um grande desgosto para mim se os meus netos me tratassem por *Você*”.

A avaliação subjectiva que é feita destas duas atitudes TU/NTU alinha-se segundo uma escala que para a forma TU se desloca da desaprovação para a aprovação, com um comportamento intermédio a que chamaremos de desacordo permissivo e que julgamos deter a chave que nos permite, agora sim, falar de uma mudança em curso: é que o comportamento linguístico, embora formalmente desaprovado pelo sujeito, é por ele e apesar dele materialmente, se não aprovado, pelo menos admitido. Ou seja, passamos do *não consentimento* para o *consentimento sem aprovação* e deste para a *aprovação da utilização da forma TU*. Esta evidente contradição em uma comunidade linguística que maioritariamente utiliza a forma NTU só pode ser explicada pela gradual emergência de uma forma descoincidente com a norma seguida e preferida, mas sentida aquela como sendo de mais prestígio, isto é, servindo, ou tendendo a servir de modelo.

Mas a verificação de que estamos perante uma mudança em curso ainda mais se evidencia quando à pergunta: “Trata(va) os seus pais por *Tu*?”, obtemos: “Tratava os meus falecidos pais por *Senhor*, então como havia de ser?, ou “Agora já se usa o *Tu* mais isso altera a caserna”, ou ainda “Isso só se usa agora. Dantes não era nada desta pouca vergonha”, enquanto um homem de 70 anos diz “Bô, coitado, não era como agora”, ou ainda uma mulher com 80 anos que comenta “Deus nos livre. Havia logo um cacete por cima do lombo”. Respostas em que avulta a oposição “agora / antes” um antes em que o tratamento por TU se considera impensável por desrespeitoso, como é por demais nítido nesta resposta “Tratava os meus pais por *Senhor* e dizia-lhes *Minha mãe, Meu pai* que antigamente havia respeito, agora é para aí uma confusão”. E para finalizar a palavra avisada de uma senhora com 87 anos que diz “Os netos tratam-me por *Você*, mas alguns bisnetos tratam-me por *Tu* e eu não me importo. É a vida, minha filha. A vida muda e nós com ela”.

Esta análise qualitativa permite-nos concluir que estamos perante uma mudança de atitudes que ao potenciar a expansão do uso do grupo inovador sustenta por esse facto uma mudança dos usos que com ele não coincidem.

Para finalizar, diremos então que todos estes resultados permitem concluir genericamente pela existência de diferentes subgrupos, temporalmente não coincidentes, motores de uma **mudança em curso** (avanço, temporal e geograficamente distinto, de um TU simétrico), mudança essa que encontra as maiores resistências em outros grupos e em outros tempos.

Mas embora actualmente se verifique o **avanço de um TU simétrico** podemos-nos interrogar se eventuais alterações – *v. g.* a revalorização de relações de poder em vez da valorização de relações de solidariedade no grupo familiar – não poderão vir a travar essa mudança. É que a imbricação de vários tempos e de vários lugares leva não só a que haja progressivo alargamento das zonas de simetria em TU como também a que a mesma forma de tratamento (*v.g.* NTU 'pais-filhos' e NTU entre irmãos) imponha explicações mais finas e mesmo opostas como quer a de ser uma marca inovadora de "distinção", quer a de ser a persistência irregular de uma assimetria que pode vir a tornar-se predominante, convocando sempre qualquer uma destas explicações a existência dentro de cada grupo familiar de específicas relações de poder.

No estudo que aqui acabamos de apresentar, metodologicamente partimos de uma análise global quantitativa, passamos por análises sectoriais, aportamos a uma micro-análise qualitativa para regressarmos ao conjunto da amostra. Para além dos resultados apresentados e do desvelar da existência de uma mudança em curso, sua origem e seu sentido – um dos nossos objectivos assumidos – julgamos também – o nosso outro confessado objectivo – ter mostrado a vantagem do recurso a métodos diversificados que entendemos não como antagónicos mas como complementares.